

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasiliense

Class.: 673

Data: 20.01.91

Pg.: _____

Funai culpa brancos por mortes de índios

DEUZA LOPES
Enviada Especial

Dourados (MS) — A proximidade da reserva dos índios guaranis, caiuás e terenas, distante apenas dois quilômetros da cidade de Dourados, está fazendo com que a população indígena enfrente todos os problemas gerados pela sociedade "branca". Fatores como a falta de terra, associados ao alcoolismo, prostituição, mendicância, se constituem nas principais causas da desestruturação social que culminou no suicídio de 28 índios caiuás e em 26 tentativas frustradas, segundo dados da Fundação Nacional do Índio (Funai).

Na visão do cacique Ailton de Oliveira, o "Biguá", líder dos guaranis e administrador das três tribos reserva, os suicídios dos caiuás estão sendo causados em primeiro lugar pelo alcoolismo, e em segundo lugar, a falta de dinheiro para que os índios possam comprar sementes para plantar uma roça.

Cerca de dois mil índios, dos 6 mil 500 existentes na reserva, saem para ganhar o seu próprio sustento fora, trabalhando nas fazendas e usinas de álcool, au-

Área da reserva será revista

Dourados (MS) — Atendendo a denúncias sobre a redução da reserva dos índios guaranis, caiuás e terenas de Dourados, que estaria sendo invadida pelos agricultores limítrofes, a Fundação Nacional do Índio (Funai) fará esta semana uma revisão da área demarcada de 3 mil 600 hectares. Segundo o superintendente-geral do órgão, Edívio Batistelli, é muito comum os agricultores procurarem ano a ano avançar a linha demarcatória das reservas indígenas, não só em Mato Grosso do Sul como em todo o Brasil.

Do ponto de vista fundiário, explica Batistelli, quase nenhuma reserva se encontra tranquila atualmente, o exemplo típico é a registrada em Panambizinho, em Dourados, que possui 60 hectares para 300 índios. Estes índios estão na iminência de perder as suas terras, haja vista que tem fazendeiros com ação na Justiça defendendo a titularidade da área.

mentando a indústria de bóias-frias da região. Para o superintendente da Funai, Edívio Batistelli, esse fato vem desmentir a questão do homem branco considerado preguiçoso, ao contrário a sua mão-de-obra.

Batistelli acredita que o stress psicossocial causado pela interferência da sociedade civilizada está levando os caiuás ao suicídio. As mortes ecoam como uma forma de protesto, de que eles necessitam de cuidados maiores por parte do estado e da sociedade.

Dentro da reserva existem cerca de cem lavoureiros, com roças de um hectare em sua maioria. Produzem basicamente o arroz, feijão e mandioca, e recentemente surgiu a cultura da soja, nas roças arrendadas pelos índios aos homens brancos. Segundo Batistelli, essa negociação é ilegal, mas entende perfeitamente a situação específica.

O cacique dos caiuás, o "Carlito", que já tentou o suicídio quatro vezes, se mostrou aborrecido com a imprensa. Ele diz que fala uma coisa e publicam outra. Carlito esclarece que as mortes dos caiuás ocorrem devido a feitiços realizados por velhos índios feitiçeiros.

Além do levantamento da área de Dourados, uma outra equipe de topógrafos deverá fazer ainda este mês uma revisão de todas as nove áreas demarcadas do Estado e das outras cinco que ainda serão homologadas, para verificar se houve alguma alteração das reservas. A equipe também fará um estudo sobre a capacidade de sobrevivência desses povos.

A prefeitura de Dourados também está engajada na solução dos problemas dos caiuás. Nesse sentido será criado nos próximos dias o Centro de Educação Integrada (CEU), na reserva, com ambulatório médico, para fornecer uma assistência mais adequada, associada à Missão Caiuá, que já atua no local na área de saúde há 60 anos.

A presença das igrejas Deus é Amor e Deus é Verdade, segundo Batistelli, tem se mostrado nociva à cultura dos índios, e não serão incentivadas a permanecer.

FOTOS: JUNIOR BARON/DOURADOS (MT)



Passagem para uma outra vida

Dourados (MS) — A morte para a comunidade caiuá não significa o fim da existência e sim uma passagem para outra vida. Cada suicídio se constitui numa denúncia, agora com a existência de tantos casos, se estabeleceu um diálogo entre a sociedade e os índios. Assim é interpretada a ocorrência das 28 mortes de caiuás de 1984 para cá, pela psicóloga Maria Aparecida Pereira, que estuda o caso há seis anos.

Em 1984 foram divulgados os primeiros suicídios, entre três a cinco casos. Em 1986, explica Aparecida Pereira, houve uma maior incidência de mortes, que na época foram interpretadas como uma rejeição à mudança de lideranças das tribos. De 1987 a 1988 o número de suicídios permaneceu constante, ou seja, três a cinco casos.

Em 1990 houve uma explosão de revolta, no entendimento da psicóloga, chegando a ocorrer 18 suicídios, principalmente entre jovens de 12 a 18 anos. Outras 26 tentativas no ano passado foram evitadas, mas na sua opinião são potenciais suicidas que a qualquer momento podem voltar a fazer a tentativa.

A saída dos jovens da reserva para buscar seu sustento, segundo a psicóloga, representa uma ruptura cultural muito bruta, pois perdem os laços com o seu universo cultural, religioso e familiar. Muitos homens quando voltam para a aldeia encontram a mulher nos braços de outro marido, provocando mais revolta.

Segundo a direção da Funai, o alcoolismo vem sendo combatido com a repressão à venda de bebida aos índios e o uso dos métodos das entidades de alcoólicos anônimos.



Os suicídios vitimam até crianças, revelando a falta de perspectiva de vida nas reservas